



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS TRINDADE
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - CCS
DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA

ANA LETÍCIA CAMPANHARO

**BARREIRAS E SOLUÇÕES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM
UNIVERSITÁRIA PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA NA
ÁREA DA SAÚDE: UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA**

FLORIANÓPOLIS
2026

ANA LETÍCIA CAMPANHARO

**BARREIRAS E SOLUÇÕES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM
UNIVERSITÁRIA PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA NA
ÁREA DA SAÚDE: UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Odontologia do Centro de Ciências da Saúde – CCS, da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Odontologia.

Orientadora: Profa. Dra. Sheila Cristina Stolf Cupani

Coorientadora: Profa. Dra. Beatriz Álvares Cabral de Barros

Florianópolis

2026

Campanharo, Ana Letícia

Barreiras e soluções no processo de aprendizagem universitária para estudantes com deficiência auditiva na área da Saúde: uma revisão narrativa de literatura. / Ana Letícia Campanharo ; orientador, Sheila Cristina Stolf Cupani, coorientador, Beatriz Álvares Cabral de Barros, 2026.

32 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Graduação em Odontologia, Florianópolis, 2026.

Inclui referências.

1. Odontologia. 2. Deficiência auditiva. 3. Surdez. 4. Ensino Superior. 5. Área da Saúde . I. Cupani, Sheila Cristina Stolf. II. Barros, Beatriz Álvares Cabral de. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Odontologia. IV. Título.

ANA LETÍCIA CAMPANHARO

**BARREIRAS E SOLUÇÕES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM
UNIVERSITÁRIA PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA NA
ÁREA DA SAÚDE: UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de
Cirurgiã-Dentista e aprovado em sua forma final pelo Curso de Odontologia

Auditório da Graduação, 08 de maio de 2026.

Prof^a Dr^a Ana Maria Hecke Alves
Coordenadora do Curso

Banca examinadora

Prof^a Dr^a Sheila Cristina Stolf Cupani
Orientadora

Prof^o Dr^o Sylvio Monteiro Junior
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof^a Dr^a Luísa Carvalho
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Florianópolis, 2026

Dedico este trabalho à minha irmã, Fran (*in memoriam*).
Você não pôde estar aqui para ver o fim desta trajetória,
mas sua presença me acompanha de forma eterna — em
pensamento, em coração e em silêncio.

Esta conquista também é sua.

Dedico também à criança sonhadora e exploradora e que
apesar dos pesares lutou pelo seu futuro e que nunca
desacreditou de onde seus pés poderiam pisar.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, agradeço a Deus, por ter me sustentado até aqui. Sua presença foi minha força silenciosa ao longo desta caminhada. Foi Ele quem me amparou nos momentos de incerteza, me deu serenidade para enfrentar os desafios e me ensinou a transformar as dificuldades em aprendizado e crescimento. Sem Sua luz e proteção, este momento não seria possível.

À minha mãe, meu alicerce, meu exemplo de amor, coragem e resiliência. Sua dedicação incondicional, sua presença constante e sua força silenciosa foram fundamentais para que eu pudesse chegar até aqui. Obrigada por acreditar em mim, por me apoiar em todos os momentos, e por me lembrar diariamente do valor do esforço e da humildade. Esta conquista também é sua, com todo o meu amor e minha eterna gratidão.

À minha irmã Fran (*in memoriam*), que infelizmente não pôde estar presente fisicamente neste momento, mas que permanece viva em minha memória e em meu coração. Sua ausência é sentida a cada dia, mas sua lembrança me fortalece e me inspira a seguir. Dedico também a você essa conquista, com saudade e amor eterno, por todo o caminho que percorreu ao meu lado desde a infância, pelos momentos compartilhados, pelo apoio constante e pela forma como sempre esteve presente na minha vida. Sua importância na minha história vai além das palavras e segue refletida em quem me tornei.

À minha irmã Karen, pelo espaço que ocupa na minha vida e por, à sua maneira, fazer parte da minha história e dos caminhos que percorri até aqui.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), instituição que me acolheu, me desafiou e contribuiu profundamente para minha formação acadêmica e pessoal. Cada professor, disciplina e experiência vivida dentro da universidade deixaram marcas importantes que levarei comigo para além da vida acadêmica.

À minha orientadora, professora Sheila, minha sincera gratidão por toda a paciência, disponibilidade e apoio durante o desenvolvimento deste trabalho. Sua orientação foi essencial para que este projeto pudesse ser concretizado com responsabilidade e profundidade. Obrigada por acreditar no meu potencial e por conduzir este processo com tanto comprometimento.

Aos professores que me acompanharam ao longo da graduação, obrigada por compartilharem não apenas conhecimento técnico, mas também valores humanos e éticos que me ajudarão a ser uma profissional mais consciente e preparada.

Aos colegas e amigos que estiveram comigo nessa trajetória, dividindo dias intensos, noites longas, dúvidas e conquistas, meu muito obrigada. O apoio mútuo e a parceria fizeram toda a diferença.

Ao longo dessa trajetória, enfrentei desafios que exigiram mais do que conhecimento técnico: exigiram persistência, adaptação e força emocional. Cada dificuldade vivenciada

contribuiu para a construção de quem sou hoje, não apenas como futura profissional, mas como pessoa. Este percurso foi marcado por aprendizados que ultrapassam o ambiente acadêmico e que levarei comigo para toda a vida.

Também agradeço a mim mesma, por não ter desistido mesmo diante das dificuldades, pelas noites de estudo, pelos momentos de incerteza e pela coragem de continuar. Reconhecer o próprio esforço faz parte desta conquista.

E, por fim, a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este momento se tornasse realidade — meu profundo e sincero agradecimento.

*Entre o som do silêncio e o eco da
persistência, descobri que os
verdadeiros sorrisos são moldados
pela coragem de nunca desistir.*

RESUMO

A deficiência auditiva compromete a capacidade de ouvir e compreender o mundo, exigindo adaptações que favoreçam a inclusão educacional. No ensino superior, especialmente na área da saúde, persistem barreiras como a falta de acessibilidade e o preparo institucional insuficiente, que dificultam o processo de aprendizagem de estudantes com deficiência auditiva ou surdos. Apesar dos avanços legais, a inclusão ainda se mostra limitada. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi analisar os desafios enfrentados por estudantes com deficiência auditiva e propor estratégias para aprimorar a acessibilidade e a inclusão no ambiente universitário. Para tal, foi realizada uma revisão narrativa da literatura por meio de artigos localizados em bases de dados on-line, como PubMed, Portal de Periódicos CAPES e Google Acadêmico. Com o objetivo de garantir uma busca eficiente e sistematizada, foram utilizados descritores como “*deficiência auditiva*”, “*surdez*”, “*área da saúde*” e “*ensino superior*”. Foram incluídos artigos publicados em português e inglês, no período de 1999 a 2026, que abordassem aspectos relacionados às barreiras enfrentadas, estratégias de inclusão e adaptações pedagógicas no ensino superior voltadas a estudantes com deficiência auditiva. Como critérios de inclusão, foram considerados 22. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados 2. Ao final do processo de seleção, foram analisados 18 artigos. A literatura evidencia a presença de barreiras pedagógicas, estruturais e comunicacionais, além de destacar estratégias como a implementação de núcleos de acessibilidade, a capacitação docente, a flexibilização curricular e o uso de tecnologias assistivas. Ademais, ressalta-se a importância das políticas públicas e dos fatores psicossociais para a efetivação da inclusão. O estudo evidencia a necessidade de sensibilização das instituições de ensino superior e da proposição de práticas educativas que promovam a equidade no acesso, na permanência e no desempenho acadêmico de estudantes com deficiência auditiva nos cursos da área da saúde.

Palavras-chaves: Deficiência Auditiva; Surdez; Área da Saúde; Ensino Superior.

ABSTRACT

Hearing impairment compromises the ability to hear and understand the world, requiring adaptations that promote educational inclusion. In higher education, particularly in the health field, barriers such as lack of accessibility and insufficient institutional preparedness persist, hindering the learning process of students with hearing impairment or deafness. Despite legal advances, inclusion remains limited. In this context, the aim of this study was to analyze the challenges faced by students with hearing impairment and to propose strategies to improve accessibility and inclusion in the university environment. To this end, a narrative literature review was conducted using articles retrieved from online databases such as PubMed, CAPES Periodicals Portal, and Google Scholar. In order to ensure an efficient and systematic search, descriptors such as “hearing impairment,” “deafness,” “health field,” and “higher education” were used. Articles published in Portuguese and English between 1999 and 2026 were included, addressing aspects related to barriers faced, inclusion strategies, and pedagogical adaptations in higher education for students with hearing impairment. The inclusion criteria were 22. The exclusion criteria were 2. At the end of the selection process, 18 articles were analyzed. The literature highlights the presence of pedagogical, structural, and communicational barriers, while also emphasizing strategies such as the implementation of accessibility centers, teacher training, curriculum flexibility, and the use of assistive technologies. Furthermore, the importance of public policies and psychosocial factors for effective inclusion is underscored. The study demonstrates the need to raise awareness among higher education institutions and to promote educational practices that ensure equity in access, retention, and academic performance of students with hearing impairment in health-related programs.

Keywords: Hearing Impairment; Deafness; Health Field; Higher Education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	OBJETIVOS	6
	2.1. OBJETIVO GERAL	6
	2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	6
3	REVISÃO DE LITERATURA	7
4	METODOLOGIA	12
5	RESULTADOS	14
6	DISCUSSÃO	16
7	CONCLUSÕES	19
	7.1 CONSIDERAÇÕES REFLEXIVAS DA AUTORA	20
	REFERÊNCIAS	22
	ANEXO 1 – ATA DA DEFESA	24

1 INTRODUÇÃO

A deficiência auditiva refere-se à perda parcial ou total da capacidade de detectar sons, podendo decorrer de malformações genéticas, lesões na orelha ou no sistema auditivo. A surdez, por sua vez, caracteriza-se pela impossibilidade total de percepção de sons. Conforme o § 2º do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 — que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) — e o artigo 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, considera-se uma pessoa surda aquela que, em decorrência da perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais.

No mesmo decreto, a deficiência auditiva é definida como a “perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500 Hz, 1.000 Hz, 2.000 Hz e 3.000 Hz”. Entre os tipos de deficiência auditiva, destacam-se a condutiva, a neurossensorial, a mista e a central. A deficiência auditiva condutiva ocorre quando há prejuízo na condução do som do ouvido externo à orelha interna, sendo, em muitos casos, passível de correção cirúrgica. A neurossensorial resulta de lesões na orelha interna ou no nervo auditivo, comprometendo a recepção adequada do som. A deficiência mista envolve, simultaneamente, componentes condutivos e neurossensoriais. Por fim, a deficiência auditiva central pode não implicar perda sensorial, mas afeta a interpretação e o processamento das informações sonoras (Conselho Federal de Fonoaudiologia e Conselhos Regionais de Fonoaudiologia, 2013).

Nesse contexto, a inclusão de pessoas com deficiência auditiva no ensino superior representa um avanço significativo para a sociedade. Fonseca (2000) ressaltou que esse progresso é uma importante conquista. Entretanto, a ainda reduzida presença de estudantes surdos ou com deficiência auditiva nas universidades evidencia o despreparo das instituições para atender às suas necessidades específicas, demandando metodologias de ensino e processos avaliativos adaptados que valorizem o potencial desses estudantes. Costa (2005) destacou, como exemplo, a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), no Rio Grande do Sul, que atende estudantes surdos e com deficiência auditiva, vem se adequando às diretrizes estabelecidas pela Portaria nº 1.679/99. Essa normativa, emitida pelo Ministério da Educação (MEC), estabelece diretrizes para a inclusão de pessoas com deficiência auditiva no ensino superior, com foco na acessibilidade e na adaptação

institucional. Entre as medidas recomendadas, destacam-se a adequação da infraestrutura, a adaptação dos métodos de ensino e, quando necessário, a disponibilização de intérpretes de Língua Brasileira de Sinais, de modo a garantir a comunicação, a participação e a equidade no processo de aprendizagem.

Levino et al. (2013) relataram a experiência de estudantes de Medicina que participaram de um minicurso de Libras com o objetivo de ampliar a compreensão acerca das necessidades comunicacionais de pessoas com deficiência auditiva. Os resultados evidenciaram que o aprendizado de Libras contribui para um atendimento mais eficaz e humanizado a pacientes surdos e com deficiência auditiva, reforçando a importância dessa capacitação não apenas como competência técnica, mas como instrumento essencial para a garantia do direito à comunicação e à acessibilidade nos contextos clínico e hospitalar.

As Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Odontologia reforçam a importância de uma formação pautada na equidade, humanização e atenção às pessoas com deficiência, destacando a necessidade de preparo do cirurgião-dentista para uma comunicação acessível e inclusiva.

Diante da relevância do tema e da necessidade de ampliar a inclusão de estudantes com deficiência auditiva no ensino superior — especialmente nos cursos da área da saúde —, torna-se fundamental compreender os desafios ainda existentes, apesar dos avanços legais e institucionais. Assim, este estudo propõe, por meio de uma revisão narrativa da literatura, analisar as barreiras enfrentadas pelos estudantes e identificar as estratégias descritas para superação. Ao reunir essas contribuições, busca-se fomentar a construção de ambientes acadêmicos mais acessíveis e inclusivos, assegurando o direito à educação e contribuindo para a formação de profissionais de saúde mais sensíveis à diversidade e preparados para uma prática humanizada.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar, por meio de uma revisão narrativa da literatura, as barreiras enfrentadas por estudantes com deficiência auditiva no processo de aprendizagem universitária na área da saúde, bem como identificar estratégias para promover maior inclusão e acessibilidade.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as principais barreiras pedagógicas, estruturais e comunicacionais que impactam a aprendizagem de estudantes com deficiência auditiva em cursos da área da saúde;
- Analisar as estratégias e adaptações descritas na literatura voltadas à promoção da inclusão no ensino superior;
- Examinar as evidências disponíveis sobre a efetividade das práticas inclusivas aplicadas ao contexto universitário na área da saúde;
- Propor recomendações, com base na literatura, para aprimorar a acessibilidade e a inclusão nos cursos de graduação da área da saúde.
- Elaborar um material educativo, no formato de informativo, com orientações destinadas a professores que atuam com estudantes com deficiência auditiva no ensino superior em saúde.

3 REVISÃO DE LITERATURA

A inclusão de pessoas com deficiência no ensino superior tem sido amplamente discutida na literatura acadêmica, especialmente no que se refere aos desafios relacionados ao acesso, à permanência e à adaptação institucional. Essa discussão torna-se ainda mais relevante quando se trata de estudantes com deficiência auditiva nos cursos da área da saúde, que enfrentam barreiras pedagógicas, comunicacionais e estruturais significativas. A literatura aponta que, além das dificuldades em compreender o conteúdo transmitido de forma tradicional, a ausência de recursos adequados e a falta de adaptação nos métodos de ensino e avaliação agravam ainda mais esses obstáculos (Levino et al., 2013; Fonseca, 2000). Diante desse cenário, é fundamental que as universidades promovam adaptações em seus ambientes acadêmicos e processos pedagógicos, a fim de garantir a igualdade de oportunidades e o pleno acesso à educação para todos os estudantes.

Dados do Ministério da Educação (BRASIL, MEC, 2005) destacam a importância de um diagnóstico preciso sobre o número de pessoas com deficiência auditiva no Brasil, elemento fundamental para o planejamento e a execução de políticas públicas mais eficazes. Embora existam legislações, como a Lei nº 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que asseguram o acesso de pessoas com deficiência ao ensino superior, ainda persistem desafios significativos de ordem estrutural e pedagógica. A Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) também estabelece diretrizes fundamentais para a acessibilidade, mas, conforme apontado por Silva e González-Gil (2017), sua implementação plena ainda encontra desafios, especialmente em relação à capacitação de docentes e à adaptação de currículos.

O ingresso e a permanência de estudantes com deficiência auditiva no ensino superior têm sido analisados em diversos estudos. Batista (1998) e Manente, Rodrigues e Palamin (2007) identificaram que fatores como o apoio familiar, o bom desempenho escolar anterior e o suporte de professores são determinantes para facilitar o acesso desses alunos à universidade. No entanto, desafios como dificuldades financeiras, medo do insucesso acadêmico e a falta de preparação pedagógica das instituições de ensino superior ainda são recorrentes. Além disso, a escassez de tecnologias assistivas e de profissionais capacitados demonstra que, muitas vezes, a inclusão desses estudantes depende de esforços individuais e do apoio familiar.

Mais recentemente, Silva, Moreira e Ferreira (2022) realizaram uma meta-revisão sobre as barreiras enfrentadas por estudantes com deficiência auditiva no ensino superior. Os autores categorizaram essas barreiras em seis tipos: urbanísticas, arquitetônicas, de transporte, tecnológicas, comunicacionais e atitudinais, destacando que as barreiras comunicacionais e tecnológicas são as mais recorrentes. Apesar dos avanços promovidos pelo Programa Incluir, sua implementação prática ainda enfrenta desafios, especialmente em instituições privadas.

Nesse mesmo sentido, Rocha e Miranda (2009) exploraram os desafios vivenciados por estudantes com deficiência auditiva no ensino superior, chamando atenção para a inadequação da infraestrutura e dos recursos pedagógicos disponíveis nas instituições. Embora existam políticas públicas voltadas à inclusão, os autores observam que muitas dessas ações não são efetivamente implementadas, o que compromete a experiência acadêmica desses estudantes. Fatores estruturais, como a ausência de adaptações no ambiente físico e a escassez de recursos tecnológicos e pedagógicos, dificultam ainda mais o processo de inclusão.

Anache e Cavalcante (2018) complementam essa análise ao investigar as condições de permanência de estudantes com deficiência auditiva em uma universidade pública. Apesar das políticas afirmativas, como o Programa Incluir, que aumentaram as matrículas, persistem barreiras estruturais, como currículos inflexíveis, falta de recursos pedagógicos adaptados e a insuficiência na formação docente. Eles destacam que as ações inclusivas, muitas vezes limitadas por restrições financeiras, precisam de uma abordagem mais integrada e sustentável.

Siqueira e Santana (2010) ressaltam a necessidade de adaptações nos espaços físicos das instituições de ensino superior, como a adequação das salas de aula e dos ambientes de convivência, com o objetivo de facilitar a inclusão de estudantes com deficiência auditiva. Os autores também enfatizam a importância da capacitação docente e da criação de núcleos de apoio que ofereçam suporte contínuo aos alunos. O estudo defende uma abordagem holística da inclusão, que contemple não apenas a acessibilidade física, mas também a pedagógica e institucional.

Ciantelli e Leite (2016) destacam a atuação dos núcleos de acessibilidade nas universidades federais brasileiras, como peças-chave na inclusão de alunos com deficiência auditiva. Esses núcleos oferecem suporte com tecnologias assistivas e adaptações curriculares, essenciais para o sucesso acadêmico dos estudantes.

No contexto da inclusão de estudantes com deficiência auditiva no ensino superior, Reganhan e Manzini (2015) ressaltam que a percepção dos professores sobre os recursos e estratégias para o ensino inclusivo evidencia obstáculos importantes, como a falta de capacitação docente e a ausência de recursos essenciais, como intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Além disso, a escassa conscientização sobre as necessidades dos estudantes com deficiência auditiva, somada a preconceitos existentes na comunidade acadêmica, compromete a efetividade da inclusão.

No estudo de Lima e Costa (2014), que relata a experiência de uma estudante com deficiência auditiva no curso de Enfermagem em uma universidade pública de Alagoas, foram identificadas diversas dificuldades ao longo de sua trajetória acadêmica. Entre os principais obstáculos, destacam-se as limitações na comunicação com os docentes, tanto em aulas teóricas quanto práticas, a ausência de intérpretes de Libras, a falta de videoaulas com legendas, além do uso insuficiente de microfones e tecnologias assistivas.

Diversos autores também destacam o papel das relações interpessoais e da colaboração entre colegas como facilitadores no processo de aprendizagem (Karagiannis; Stainback; Stainback, 2006). A construção de vínculos dentro da universidade, aliada à convivência respeitosa e ao suporte emocional, pode atenuar os impactos das barreiras comunicacionais e sociais enfrentadas por estudantes com deficiência auditiva. Além disso, Lima, Maia e Distler (1999) e Stelling (1999) reforçam que o apoio familiar exerce papel central na superação dessas dificuldades, contribuindo significativamente para o sucesso acadêmico dos alunos.

A adoção de atendimentos especializados, como o acompanhamento fonoaudiológico, o uso de próteses auditivas modernas e a promoção de ambientes acessíveis, também aparece como uma estratégia promissora. Segundo Almeida e Iório (1996), a adaptação adequada de aparelhos auditivos e o uso eficaz de tecnologias assistivas dependem não apenas de suporte técnico, mas também da aceitação social e familiar.

Além disso, o conceito de resiliência emerge como um aspecto central na trajetória desses estudantes. A capacidade de enfrentar adversidades e manter a motivação diante das dificuldades está frequentemente associada ao desenvolvimento de autonomia, autoestima e senso de pertencimento (Garmezy, 1991; Barbosa, 2006).

Outro ponto relevante apresentado na literatura refere-se à formação docente e à flexibilização curricular no ensino superior. Chahini e Silva (2007) observam que muitos cursos de graduação, especialmente nas áreas técnicas e da saúde, não estão organizados para atender adequadamente estudantes com deficiência auditiva — seja pela ausência de práticas pedagógicas inclusivas, seja pela falta de capacitação dos professores para o uso de recursos acessíveis e metodologias adaptadas. A ausência de um currículo acessível compromete a participação plena desses estudantes, principalmente em disciplinas práticas ou laboratoriais, nas quais predomina a comunicação oral direta. Segundo os autores, a adaptação curricular deve ir além de medidas pontuais, como a presença de intérpretes, e incluir a reestruturação de atividades avaliativas, a organização do tempo e a oferta de materiais didáticos acessíveis como estratégias indispensáveis para garantir equidade no processo de aprendizagem.

Nesse contexto, também se destacam os avanços recentes nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) do curso de Odontologia, estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação por meio da Resolução CNE/CES nº 3/2021. Essas diretrizes reforçam a necessidade de uma formação pautada em princípios humanísticos, éticos e sociais, contemplando aspectos como direitos humanos, equidade, diversidade e acessibilidade no cuidado em saúde. Nesse sentido, a inclusão de pessoas com deficiência passa a ser compreendida como um eixo transversal da formação, devendo estar integrada ao processo educativo como um todo, e não restrita a disciplinas específicas.

No que se refere à comunicação com pessoas surdas, destaca-se que, embora a Lei nº 10.436/2002 e o Decreto nº 5.626/2005 estabeleçam a obrigatoriedade do ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em cursos de formação de professores e em Fonoaudiologia, sua oferta nos cursos de Odontologia não é obrigatória, sendo geralmente disponibilizada como disciplina optativa. Ainda assim, as DCNs indicam a importância do desenvolvimento de competências comunicacionais que possibilitem o atendimento de diferentes públicos, incluindo pessoas com deficiência auditiva, o que reforça a necessidade de inclusão de conteúdos relacionados à Libras e à comunicação inclusiva nos projetos pedagógicos dos cursos.

Complementando essa perspectiva, Castro et al. (2018) discutem a falta de formação específica dos profissionais de saúde, especialmente nos cursos de Medicina e Fonoaudiologia, quanto ao cuidado de pessoas com deficiência auditiva. Essa lacuna repercute negativamente tanto no processo de aprendizagem dos estudantes quanto na qualidade do atendimento prestado a essa

população. Como alternativa, os autores sugerem a inclusão de módulos educacionais que contemplem o ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e outras formas de comunicação, além de treinamentos específicos voltados à atuação de profissionais da saúde junto a pessoas com deficiência auditiva.

Por fim, Flor et al. (2015) abordam o uso de tecnologias assistivas no ambiente acadêmico, como ferramentas de acessibilidade em plataformas digitais, a exemplo do Moodle. Embora haja esforços para integrar essas tecnologias, ainda existe uma lacuna significativa em sua aplicação efetiva, o que compromete a inclusão plena de estudantes com deficiência auditiva em atividades acadêmicas online.

Sendo assim, a revisão da literatura revela que, embora existam avanços significativos nas políticas públicas de inclusão, como o Programa Incluir, as barreiras enfrentadas pelos estudantes com deficiência auditiva no ensino superior ainda são consideráveis e não estão apenas ligadas à condição sensorial, mas principalmente às limitações impostas por estruturas educacionais excludentes. Entre os desafios mais recorrentes estão a falta de formação docente, a insuficiência de tecnologias assistivas e a inadequação da infraestrutura. Para garantir um ambiente inclusivo e acessível, é necessário investir na capacitação continuada de professores, adaptar práticas pedagógicas e fortalecer os núcleos de acessibilidade. Além disso, a implementação efetiva de políticas públicas e o aumento de recursos financeiros são essenciais para que a inclusão de estudantes com deficiência auditiva na área da saúde se torne uma realidade plena.

4 METODOLOGIA

Este estudo, intitulado *“Barreiras e soluções no processo de aprendizagem universitária para estudantes com deficiência auditiva na área da saúde: uma revisão narrativa da literatura”*, foi desenvolvido por meio de uma revisão narrativa da literatura, com o objetivo de identificar barreiras e soluções no processo de aprendizagem de estudantes com deficiência auditiva no ensino superior na área da saúde. Optou-se por esse tipo de revisão em razão da abrangência e da flexibilidade que permite na análise qualitativa dos estudos selecionados.

A busca bibliográfica foi realizada entre os meses de março e abril de 2025, nas bases de dados PubMed, Portal de Periódicos da CAPES e Google Acadêmico, sendo posteriormente atualizada em 2026 para a inclusão de estudos mais recentes. Assim, foram considerados artigos publicados no período de 1999 a 2026. Para a construção das estratégias de busca, foram utilizados os descritores “deficiência auditiva”, “surdez”, “ensino superior” e “área da saúde”, combinados por meio dos operadores booleanos “AND” e “OR”, a fim de garantir uma busca abrangente e direcionada. Além disso, foi realizada busca manual nas listas de referências dos artigos incluídos, com o objetivo de identificar estudos adicionais não recuperados nas buscas eletrônicas, ampliando a abrangência da revisão. As estratégias de busca utilizadas em cada base de dados estão descritas no QUADRO 1.

Os critérios de inclusão contemplaram artigos publicados em língua portuguesa e inglesa, que abordassem especificamente as barreiras e estratégias relacionadas à inclusão de estudantes com deficiência auditiva no ensino superior na área da saúde. Foram excluídos estudos que não estavam disponíveis na íntegra, que não tratavam diretamente do tema proposto, estudos duplicados e aqueles que abordavam outras deficiências ou áreas fora do contexto da saúde.

Como produto educacional, foi desenvolvido um informativo intitulado *“Orientações para professores de estudantes com deficiência auditiva no ensino superior em saúde”*, elaborado com base nas evidências identificadas na literatura, com o objetivo de subsidiar práticas pedagógicas mais inclusivas no ensino superior.

Quadro 1 – Estratégias de busca utilizadas nas bases de dados eletrônicas

Bases de Dados	Estratégias de Busca
PubMed	("Hearing Loss"[MeSH Terms] OR "Hearing Impairment"[Title/Abstract] OR "Deafness"[Title/Abstract] OR "Hard of Hearing"[Title/Abstract]) AND ("Education, Higher"[MeSH Terms] OR "Higher Education"[Title/Abstract] OR "University Education"[Title/Abstract] OR "College Students"[Title/Abstract]) AND ("Health Occupations"[MeSH Terms] OR "Health Sciences"[Title/Abstract] OR "Health Education"[Title/Abstract]) AND ("Accessibility"[Title/Abstract] OR "Social Inclusion"[Title/Abstract] OR "Educational Barriers"[Title/Abstract] OR "Learning Barriers"[Title/Abstract] OR "Assistive Technology"[Title/Abstract])
Portal de Periódicos CAPES	("Hearing Impairment" OR "Deafness" OR "Hearing Loss") AND ("Higher Education" OR "University" OR "College") AND ("Health Sciences" OR "Health Education") AND ("Barriers" OR "Inclusion" OR "Accessibility" OR "Strategies" OR "Assistive Technology")
Google Acadêmico	("deficiência auditiva" OR "surdez") AND ("ensino superior" OR "universidade") AND ("área da saúde" OR "saúde") AND ("inclusão" OR "acessibilidade" OR "barreiras" OR "estratégias")

Fonte: Elaborado pelas autoras (2026)

5. RESULTADOS

A partir da busca realizada nas bases de dados, foram inicialmente identificados 22 artigos, os quais foram selecionados para leitura completa. Após análise detalhada, 18 estudos foram considerados relevantes e incluídos na elaboração da revisão narrativa da literatura.

Adicionalmente, esses estudos subsidiaram a construção da TABELA 1, que apresenta uma síntese das principais barreiras e estratégias para a inclusão de estudantes com deficiência auditiva no ensino superior, especialmente nos cursos da área da saúde.

Tabela 1 – Barreiras e estratégias para a inclusão de estudantes com deficiência auditiva no ensino superior nos cursos da saúde.

Categoria	Descrição dos aspectos identificados	Referências
Barreiras	Barreiras pedagógicas, comunicacionais e estruturais significativas.	Levino et al. (2013); Fonseca (2000)
	Inadequação da infraestrutura e ausência de adaptações no ambiente físico.	Rocha e Miranda (2009); Siqueira e Santana (2010)
	Insuficiência de recursos tecnológicos e assistivos, como intérpretes de Libras, microfones e videoaulas legendadas.	Silva, Moreira e Ferreira (2022); Lima e Costa (2014); Flor et al. (2015)
	Currículos inflexíveis e falta de capacitação docente em práticas inclusivas.	Anache e Cavalcante (2018); Chahini e Silva (2007)
	Barreiras atitudinais, preconceitos e baixa conscientização na comunidade acadêmica	Silva, Moreira e Ferreira (2022); Reganhan e Manzini (2015)
	Atuação de núcleos de acessibilidade com suporte técnico e pedagógico.	Ciantelli e Leite (2016)
Estratégias de Inclusão	Capacitação continuada de docentes e sensibilização para as necessidades dos estudantes.	Silva e González-Gil (2017); Reganhan e Manzini (2015); Siqueira e Santana (2010)

	Flexibilização curricular, incluindo adaptação de atividades, avaliações e materiais didáticos acessíveis. Apoio familiar, relações interpessoais e colaboração entre colegas como facilitadores do processo de aprendizagem. Acompanhamento fonoaudiológico, uso de próteses auditivas e tecnologias assistivas. Inclusão de módulos educacionais e treinamentos em Libras e comunicação com pessoas com deficiência auditiva. Uso de tecnologias assistivas em ambientes virtuais de aprendizagem e plataformas digitais.	Chahini e Silva (2007) Batista (1998); Karagiannis et al. (2006); Lima, Maia e Distler (1999) Almeida e Iório (1996) Castro et al. (2018) Flor et al. (2015)
Políticas Públicas	Legislações voltadas à inclusão, como a LDB (Lei nº 9.394/96) e a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015). Programas institucionais, como o Programa Incluir, que ampliaram o acesso, mas ainda enfrentam desafios na implementação. Necessidade de maior investimento financeiro e articulação interinstitucional para efetivação da inclusão.	BRASIL, MEC (2005); Silva e Gonzalez-Gil (2017) Silva Moreira e Ferreira (2022); Anache e Cavalcante (2018) Anache e Cavalcante (2018); Siollva, Morreira e Ferreira (2022)
Aspectos Psicossociais	Resiliência, autonomia, autoestima e senso de pertencimento como fatores relevantes na trajetória acadêmica.	Garmezy (1991); Barbosa (2006)

Fonte: Elaborado pelas autoras (2026)

6. DISCUSSÃO

A análise da literatura evidencia que, apesar dos avanços legislativos e da criação de políticas públicas voltadas à inclusão de estudantes com deficiência auditiva no ensino superior, ainda persistem barreiras significativas que comprometem a efetividade dessas iniciativas. As barreiras pedagógicas, comunicacionais, estruturais e atitudinais ainda dificultam o ingresso, a permanência e o pleno aproveitamento acadêmico desses estudantes, sobretudo em cursos da área da saúde, os quais exigem intensa interação verbal, práticas laboratoriais e estágios clínicos (Levino et al., 2013; Rocha e Miranda, 2009).

Dentre os principais entraves, destacam-se a insuficiente formação de docentes para o uso de metodologias pedagógicas inclusivas, a inexistência ou escassez de materiais acessíveis e a baixa oferta de intérpretes de Libras para os estudantes de deficiência auditiva que necessitam. A ausência de ações permanentes e estruturadas voltadas à adaptação curricular — como a flexibilização de prazos, avaliações diferenciadas e a produção de conteúdos legendados ou em Libras — também contribui para a exclusão desses estudantes (Chahini e Silva, 2007; Silva e González-Gil, 2017).

Mesmo diante da existência de legislações, como a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), e de programas como o Programa Incluir, sua implementação prática encontra obstáculos financeiros, burocráticos e culturais (Anache e Cavalcante, 2018; Silva, Moreira e Ferreira, 2022). Isso evidencia a necessidade de ir além da legislação, incorporando a inclusão como prática cotidiana e compromisso ético-institucional. A simples presença de políticas não garante sua efetividade sem uma gestão ativa e articulada entre os setores acadêmicos, administrativos e pedagógicos das universidades.

A discussão também revela a importância dos núcleos de acessibilidade nas universidades, que atuam como pontes entre os estudantes e a instituição, promovendo o uso de tecnologias assistivas, a capacitação docente e a adaptação de conteúdos (Ciantelli e Leite, 2016). Ainda assim, muitos desses núcleos operam com equipes reduzidas e orçamento limitado, o que impacta diretamente a qualidade do suporte oferecido aos estudantes.

Outro fator destacado nos estudos é o papel das relações interpessoais no processo de aprendizagem. O apoio entre colegas, a empatia no ambiente acadêmico e o envolvimento familiar são elementos que fortalecem a autoestima e o senso de pertencimento dos estudantes com deficiência auditiva (Karagiannis et al., 2006; Lima, Maia e Distler, 1999). Essas interações contribuem para a resiliência acadêmica, conceito que se mostra essencial diante das adversidades enfrentadas (Garmezy, 1991; Barbosa, 2006).

No entanto, é preciso salientar que a resiliência não pode ser interpretada como responsabilidade exclusiva do estudante. Ela deve ser compreendida em um contexto coletivo, no qual a universidade cria condições reais para que todos consigam desenvolver autonomia e potencial acadêmico. O discurso, quando descontextualizado das desigualdades estruturais, pode invisibilizar os desafios enfrentados por esses alunos e as eventuais dificuldades de desempenho.

Adicionalmente, os estudos apontam para a importância do uso de tecnologias assistivas, tanto nas aulas presenciais quanto em ambientes virtuais de aprendizagem (Flor et al., 2015). Plataformas educacionais, como o Moodle, devem ser adaptadas para garantir o acesso pleno de estudantes com deficiência auditiva, com vídeos legendados, interpretação em Libras e design acessível. A integração dessas ferramentas deve ser planejada desde o início dos cursos, e não como medida paliativa após o ingresso dos estudantes com deficiência.

Outro aspecto fundamental é a lacuna na formação dos profissionais da saúde em relação à comunicação com alunos e pacientes surdos ou com deficiência auditiva. A literatura aponta que muitos cursos ainda não contemplam, em sua matriz curricular, conteúdos sobre acessibilidade comunicacional ou Libras, o que compromete não apenas o processo de aprendizagem dos estudantes, mas também a qualidade do atendimento à população surda e com deficiência auditiva (Castro et al., 2018). A inclusão de módulos voltados à acessibilidade e à comunicação inclusiva mostra-se essencial.

Em síntese, os dados analisados sugerem que a inclusão de estudantes com deficiência auditiva na área da saúde não depende exclusivamente de dispositivos técnicos ou legais, mas da construção de uma cultura institucional inclusiva, sustentada por valores como empatia, equidade, responsabilidade social e justiça educacional. Nesse sentido, os achados deste estudo estão alinhados ao objetivo proposto de analisar as barreiras enfrentadas por esses estudantes, evidenciando sua natureza multifatorial, bem como de identificar estratégias voltadas à promoção

da acessibilidade no ensino superior. As evidências reunidas permitiram não apenas compreender os principais desafios relacionados à formação acadêmica desses estudantes, mas também destacar a relevância de ações como a capacitação docente, a flexibilização curricular, o fortalecimento dos núcleos de acessibilidade e a ampliação do uso de tecnologias assistivas. Dessa forma, o estudo contribui para a proposição de práticas educativas mais inclusivas, reforçando a necessidade de que as instituições de ensino superior assumam a inclusão como compromisso permanente, a fim de garantir a equidade no acesso, na permanência e no desempenho acadêmico desses estudantes.

A partir desses achados, foi elaborado um informativo com orientações para professores, com o objetivo de promover estratégias de inclusão e reduzir barreiras pedagógicas e comunicacionais no ensino superior em saúde. O material representa uma aplicação prática das evidências discutidas, contribuindo para aproximar o conhecimento científico das práticas educacionais e favorecer ambientes acadêmicos mais acessíveis e inclusivos (ANEXO 1).

ORIENTAÇÕES PARA PROFESSORES DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA NO ENSINO SUPERIOR EM SAÚDE



COMUNICAÇÃO CLARA E ACESSÍVEL

Falar com naturalidade e clareza, sem exagerar no tom de voz ou na gesticulação.



ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE

Certifique-se de que o estudante consiga visualizar seu rosto, mesmo em ambientes com pouca iluminação. Recomenda-se que ele tenha preferências por assentos na primeira fila da sala de aula, a fim de facilitar a leitura labial.



AVALIAÇÕES

Nas avaliações deve-se priorizar a análise do conteúdo semântico do texto - isto é, a compreensão das ideias, coerência e construção de sentido em detrimento de aspectos formais da língua, como normas gramaticais e ortográficas.



POSICIONAMENTO DO PROFESSOR EM SALA DE AULA

Evitar se deslocar pela sala durante as explicações, mantendo-se, de preferência, próximo ao estudante com deficiência auditiva, a fim de facilitar a leitura labial.



VISIBILIDADE DA ARTICULAÇÃO DE FALA

Ao se comunicar, evitar obstruir a região da boca (com as mãos, microfone ou outros objetos), garantindo a visibilidade da articulação das palavras. Repetir sempre que necessário.



USO DE RECURSOS VISUAIS

Utilizar recursos visuais nas aulas, como imagens, apresentações e vídeos, priorizando materiais legendados para favorecer a aprendizagem de estudantes com deficiência auditiva.



USO DE TECNOLOGIAS DE APOIO

Permitir o uso de recursos tecnológicos de apoio, como gravadores para registro das aulas, respeitando as possibilidades de acesso de cada estudante.



ACOMPANHAMENTO DA COMPREENSÃO DO ESTUDANTE

Verificar a compreensão do estudante de forma acolhedora, por meio de feedbacks e retomada das explicações sempre que necessário.



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA

Aluna: Ana Letícia Campanharo

Orientadora: Prof.(a) Dr.(a) Sheila Cristina Stolf Cupani
Coorientadora: Prof.(a) Dr.(a) Beatriz Álvares Cabral de Barros

(USP LEGAL, 2013)

7. CONCLUSÕES

A realização deste trabalho constituiu não apenas um exercício acadêmico, mas também uma oportunidade de reflexão sobre as barreiras enfrentadas por estudantes com deficiência auditiva no ensino superior, especialmente na área da saúde. A análise da literatura permitiu compreender, de forma ampliada, os desafios que permeiam o acesso, a permanência e o desempenho acadêmico desses estudantes.

Os resultados evidenciam que, embora existam legislações e políticas públicas voltadas à inclusão, ainda persistem entraves significativos que vão além da deficiência em si. Barreiras pedagógicas, comunicacionais, estruturais e atitudinais continuam comprometendo a efetividade da inclusão. A ausência de intérpretes, a insuficiente formação docente, a escassez de tecnologias assistivas e a rigidez curricular configuram dificuldades recorrentes no contexto universitário.

Por outro lado, a literatura também aponta estratégias relevantes para a superação desses desafios, como a atuação dos núcleos de acessibilidade, a capacitação continuada de professores, a flexibilização curricular e o fortalecimento das relações interpessoais, incluindo o apoio familiar e social. Além disso, aspectos como autonomia e resiliência se destacam como importantes na trajetória acadêmica desses estudantes, desde que compreendidos dentro de um contexto institucional favorável.

Conclui-se que a inclusão de estudantes com deficiência auditiva não deve se restringir ao cumprimento formal de legislações ou programas institucionais, mas precisa ser incorporada de forma efetiva ao cotidiano das instituições de ensino superior, como um compromisso ético, social e educacional. Nesse sentido, este estudo contribui para o campo acadêmico ao reforçar a necessidade de práticas pedagógicas mais inclusivas e de maior sensibilização de profissionais e educadores, visando à construção de ambientes educacionais mais acessíveis, equitativos e empáticos. Porque educar é também acolher, e incluir é garantir que todos tenham a oportunidade de chegar até onde seus sonhos alcançam.

7.1 CONSIDERAÇÕES REFLEXIVAS DA AUTORA

A realização deste trabalho constituiu não apenas um exercício acadêmico, mas também uma vivência pessoal significativa. Embora desenvolvido a partir de uma revisão de literatura, o interesse pelo tema está diretamente relacionado à experiência da autora no ensino superior. Ao longo da graduação, a vivência do dia a dia no ambiente universitário permitiu observar que a inclusão de estudantes com deficiência auditiva ainda se apresenta, em muitos contextos, mais como um discurso institucional do que como uma prática efetivamente consolidada.

No convívio acadêmico, tanto com colegas quanto com docentes, tornam-se evidentes as barreiras atitudinais, marcadas pela falta de informação, pela impaciência e, em situações mais graves, por comportamentos que se aproximam de práticas de *bullying*. Essas atitudes, frequentemente naturalizadas no cotidiano universitário, revelam uma cultura acadêmica pouco preparada para lidar com a diversidade, na qual a responsabilidade pela adaptação recai quase exclusivamente sobre o estudante com deficiência.

No âmbito das salas de aula teóricas, destaca-se a ausência de didática voltada ao ensino de pessoas com deficiência auditiva, associada ao despreparo de parte do corpo docente para a utilização de metodologias inclusivas. A predominância de práticas pedagógicas centradas exclusivamente na oralidade, sem o suporte de recursos visuais acessíveis, materiais adaptados ou estratégias alternativas de comunicação, compromete significativamente a participação e o aproveitamento acadêmico desses estudantes.

Nesse contexto, a leitura labial passa a ser utilizada como principal estratégia de acesso à informação. No entanto, trata-se de um recurso que exige atenção visual contínua, tornando inviável a realização simultânea de anotações escritas. Ao direcionar a atenção para a escrita, o estudante perde informações relevantes da fala; ao priorizar a leitura labial, compromete a qualidade e a completude dos registros. Essa incompatibilidade impõe uma sobrecarga cognitiva constante, aumentando o risco de interpretações incompletas ou equivocadas do conteúdo apresentado e impactando diretamente o processo de aprendizagem e o desempenho acadêmico.

Além disso, é importante destacar que essas vivências não impactam apenas o desempenho acadêmico, mas também a dimensão emocional do estudante com deficiência auditiva. A sensação

de não pertencimento, somada às dificuldades de comunicação e à ausência de suporte adequado, pode gerar insegurança, ansiedade e, em alguns casos, desmotivação ao longo da trajetória universitária.

Esse cenário pode levar o estudante a um constante estado de alerta e a um esforço adicional para acompanhar as atividades acadêmicas, exigindo um nível elevado de adaptação individual que ultrapassa as demandas comuns do ensino superior. A necessidade de estar continuamente atento à leitura labial, de buscar estratégias próprias para compreender conteúdos e de lidar com possíveis falhas na comunicação contribui para um desgaste mental significativo, muitas vezes não reconhecido pelo ambiente acadêmico.

A repetição dessas experiências ao longo do tempo pode afetar diretamente a autoconfiança do estudante, influenciando sua participação em sala de aula, sua interação com colegas e até mesmo sua percepção de capacidade intelectual. Em contextos em que não há acolhimento ou suporte adequado, esses fatores podem resultar em isolamento social e redução do engajamento acadêmico.

Esses aspectos, frequentemente negligenciados, reforçam a necessidade de um olhar mais sensível por parte das instituições de ensino superior, que considere não apenas o acesso ao conteúdo, mas também o bem-estar emocional, a permanência qualificada e o desenvolvimento integral desses estudantes ao longo de sua formação acadêmica. A insuficiência de recursos pedagógicos acessíveis constitui outra barreira recorrente. A ausência de materiais didáticos adaptados, tecnologias assistivas, apoio comunicacional adequado e estratégias pedagógicas inclusivas evidencia fragilidades nas ações institucionais voltadas à inclusão. Essas limitações tornam-se ainda mais críticas nas aulas práticas, especialmente nos cursos da área da saúde, nos quais a comunicação rápida e contínua é frequentemente tratada como pressuposto básico.

A experiência acadêmica pessoal da autora reforça os achados da literatura ao evidenciar que, diante das limitações institucionais ainda presentes, o estudante com deficiência auditiva é frequentemente levado a assumir, de forma individual, a responsabilidade por sua adaptação ao ambiente universitário. Essas vivências destacam a necessidade de que a inclusão no ensino superior seja efetivamente incorporada às práticas institucionais, superando sua compreensão como um princípio apenas formal.

REFERÊNCIAS

- ANACHE, Alexandra; DUARTE CAVALCANTE, Laís. Análise das condições de permanência do estudante com deficiência na educação superior. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, número especial, p. 115–125, 2018.
- ALMEIDA, Kátia; IÓRIO, Maria Cecília Martinelli. *Próteses auditivas: fundamentos teóricos e aplicações clínicas*. São Paulo: Lovise, 1996.
- BARBOSA, Gisele da Silva. *Resiliência em professores do ensino fundamental de 5ª a 8ª série*. 2006. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Dados sobre número de deficientes auditivos no Brasil. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 28 jun. 2005.
- CASTRO, Suely S. et al. Desenvolvendo competências entre estudantes profissionais da saúde relacionadas ao cuidado de pessoas com deficiência: um estudo piloto. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 22, n. 65, p. 551–563, 2018.
- CIANTELLI, Ana Paula C.; LEITE, Lúcia Pereira. Ações exercidas pelos núcleos de acessibilidade nas universidades federais brasileiras. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 22, n. 3, p. 413–428, 2016.
- CHAHINI, Tereza Helena C.; SILVA, Sônia Maria M. Educação superior: os desafios do acesso e da permanência de alunos com deficiência auditiva em São Luís do Maranhão. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE (EPENN), 18., 2007, Maceió. *Anais...* Maceió: UFAL, 2007.
- FELICIANO, Heloisa; MICHELS, Liane. Inclusão educacional para pessoas portadoras de deficiência: um compromisso com o ensino superior. *Revista Escritos sobre Educação*, Ibitiré, n. 1, p. 19–25, 2006.
- FLOR, Carla da Silva et al. Acessibilidade do Moodle para surdos: abordagem dos discursos de surdos e ouvintes. *Transinformação*, v. 27, n. 2, p. 157–163, 2015.
- GARMEZY, Norman. Resilience and vulnerability to adverse developmental outcomes. *American Behavioral Scientist*, 1991.
- KARAGIANNIS, Anastasios; STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. *Inclusão: um guia para educadores*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2006.

LIMA, U. T. S.; COSTA, A. C. S. Inclusão de uma aluna com deficiência auditiva no curso de Enfermagem em uma universidade pública de Alagoas. *Revista de Atenção à Saúde*, v. 12, n. 41, p. 57–64, jul./set. 2014.

MANENTE, Maria V.; RODRIGUES, Olga M. P. R.; PALAMIN, Maria E. G. Deficientes auditivos e escolaridade: fatores diferenciais. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 13, n. 1, p. 27–84, 2007.

REGANHAN, W. G.; MANZINI, Eduardo José. Percepção de professores do ensino regular sobre recursos e estratégias para o ensino de alunos com deficiência. *Revista Educação Especial*, p. 127–138, 2015.

ROCHA, Telma B.; MIRANDA, Theresinha G. Acesso e permanência do aluno com deficiência na instituição de ensino superior. *Revista Educação Especial*, 2009.

SANTANA PORTE, M.; DAMIÃO TRINDADE ROCHA, J.; AUGUSTO PEREIRA, C. Barreiras de acessibilidade para pessoas com deficiência no ensino superior. *Administração Pública e Gestão Social*, 2022.

SIQUEIRA, Ilka M.; SANTANA, Célia S. Propostas de acessibilidade para a inclusão de pessoas com deficiência no ensino superior. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 16, n. 1, p. 127–136, 2010.

SILVA, Deyvison Francisco da; MOREIRA, Wânia Clícia Alves; FERREIRA, Danielly Cristina. Barreiras de acessibilidade para pessoas com deficiência no ensino superior. *Administração Pública e Gestão Social*, v. 14, n. 2, e33376, 2022.

SILVA, J. S. S.; GONZÁLEZ-GIL, Francisco. Acessibilidade, gênero e educação superior: indicativos procedentes das investigações científicas. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 23, n. 4, p. 607–622, 2017.

STELLING, E. P. A relação da pessoa surda com sua família. *Espaço Informativo Técnico-Científico do INES*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 44–47, jun. 1999.

USP LEGAL. *Orientação aos docentes sobre alunos com deficiência*. Disponível em: <http://usplegal.saci.org.br/acoes/publicacoes/docentes.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2026.

IMPRESA NACIONAL. RESOLUÇÃO No 3, DE 21 DE JUNHO DE 2021 - DOU - Imprensa Nacional. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-3-de-21-de-junho-de-2021-327321299>>.

ANEXO 1 – ATA DA DEFESA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE ODONTOLOGIA
DISCIPLINA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE ODONTOLOGIA

ATA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 03 dias do mês de MAIO de 2026, às 16 horas,
em sessão pública no (a) AUDITÓRIO GRADUADO desta Universidade, na presença da
Banca Examinadora: CCS presidida pelo Professor
SHEILA CRISTINA STILF WAPARI

e pelos examinadores:
1- LUISA CARVALHO
2- SYLVIA MONTEIRO JUNIOR

o aluno Ana Leticia Campanham
apresentou o Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação intitulado:
Barreiras e soluções no processo de aprendizagem universitária
para estudantes com deficiência auditiva na área da saúde: uma
revisão narrativa da literatura
como requisito curricular indispensável à aprovação na Disciplina de Defesa do TCC e
a integralização do Curso de Graduação em Odontologia. A Banca Examinadora, após
reunião em sessão reservada, deliberou e decidiu pela APROVAÇÃO do
referido Trabalho de Conclusão do Curso, divulgando o resultado formalmente ao
aluno e aos demais presentes, e eu, na qualidade de presidente da Banca, lavrei a
presente ata que será assinada por mim, pelos demais componentes da Banca
Examinadora e pelo aluno orientando.

Sheila Cristina Stilf Wapari
Presidente da Banca Examinadora

[Assinatura]
Examinador 1

Sylvia Monteiro Junior
Examinador 2

Ana Leticia Campanham
Aluno